

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Português

Editor:

Redactor principal:

AGOSTINHO F. ROCHA

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—**RUA ELIAS GARCIA, 46**— Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—*Rua Elias Garcia, 45*— GUIMARÃES

TRABALHEMOS!

E' o grito de alarme solto em todo o mundo civilizado e principalmente onde a grande guerra mais fez sentir a sua acção devastadora.

Os nossos próprios inimigos, vencidos e arruinados, preparam-se para, por meio do trabalho intenso, se levantarem e conquistarem o seu antigo predomínio comercial. Os operários alemães comprometeram-se a trabalhar 11 horas diárias pelo mesmo salário de antes da guerra, enquanto que os nossos preparam-se para receber a concessão das 8 horas de trabalho!

Nós consideramos justa essa concessão, mas em tempo normal.

Reconhecemos que oito horas de trabalho diário, mas assíduo, são suficientes para se produzir o necessário ao consumo, não havendo parasitas na sociedade, que se limitam a ver trabalhar os outros, vivendo na ociosidade.

Mas, no momento actual, quando os povos mais civilizados que nós, pensam em trabalhar mais, para restabelecer o equilíbrio da vida económica dos seus países, essa concessão [consideramo-la não só um erro, mas também um crime.

Os nossos operários deviam saber e compreender que a grande conflagração europeia, foi a maior das revoluções que jamais o mundo viu e a História registou. Que milhões e milhões de homens foram arrancados ao labor dos campos e das oficinas, para pegar em armas.

Que as fábricas de maior produção foram convertidas em verdadeiros arsenais de guerra.

Que a produção de matérias úteis e necessárias á vida da Humanidade diminuiu duma maneira assombrosa, para aumentar a produção de instrumentos de ruína e de morte.

Que se desperdiçou muito tempo precioso, se gastaram muitos bilhões em dinheiro e se perderam milhões de vidas.

E que todo esse tempo gasto, esse dinheiro e essas vidas não produziram mais do que fumo e cinzas, na conquista dum ideal supremo, ideal que conquistado já na sua primeira fase, só poderemos chegar á sua plena posse e gozar dos seus benefícios, pela assiduidade e persistência no trabalho comum e activo.

Todo o cuidado e atenção dos governos foram desviados e absorvidos nos assuntos respeitantes á guerra, como não podia deixar de ser, deixando, durante estes últimos cinco anos, de se dedicarem ao fomento e riqueza nacionais. Consumiu-se muito e produziu-se pouco e isto havia necessariamente, infalivelmente de causar um enorme desequilíbrio na vida económica das

nações. A vida tinha que tornar-se caríssima e quasi impossível, por todas estas causas e motivos. E, pela mesma razão que, quando um indivíduo gasta mais do que aquilo que o seu trabalho produz, só consegue equilibrar a vida económica da sua casa, trabalhando mais e gastando menos, assim também, para nos vermos livres desse grande déficit que nos assoberba, não temos outro remédio senão recorrer ao trabalho e á economia. Assim no-lo aconselha Mr. Hoover, commissário norte-americano dos abastecimentos, numa entrevista concedida ao «National Food Journal», revista publicada pelo ministério britânico das subsistências:

«Se a produção não aumentar na Europa, é inevitável o caos político, moral e económico, que rematará por uma hecatombe sem igual na história da Humanidade».

Enquanto lá fora se pensa a sério nesta magna questão, o nosso operariado, embalado pela doce ilusão do bolchevismo russo, prepara-se para ganhar mais e trabalhar menos.

Sim, ganhar mais é justo. E' necessário que o operário ganhe o suficiente para viver. Nós também somos operário. Aquele que produz precisa de viver. Mas trabalhar menos, no momento actual, não! Exija o operário o salário correspondente ao seu trabalho, mas trabalhe muito, o mais que possa, porque só aumentando a produção é que a vida se tornará mais barata. E' necessário que a oferta seja igual á procura. E, enquanto assim não fór, a vida será sempre difícil.

Mas é natural que essa terrível hecatombe de que fala Mr. Hoover se venha a produzir. O operariado, em geral, é analfabeto.

No nosso país, pelo menos, não há escolas nocturnas ou dominicais, suficientes, para o operariado se instruir, fugindo da taberna. Não há bibliotecas públicas, onde o operário vá esclarecer o seu espirito. E, assim, deixa-se facilmente levar por meia dúzia de intelectuais que o exploram. Deixa-se seduzir pelas suas palavras de prometimento dum paraíso terreal ou duma terra de promissão, que não passa duma ilusão, duma quimera.

Se o operariado português não reconsidera, se todos, todos, sem excepção, não trabalharmos cada um nosso mister, o mais possível, não seremos vencedores, mas ingloriamente vencidos.

Via Mavis.

Os homens são como os olhos, que, tudo vendo, não se vêem a si.

Vieira.

O trabalho

O trabalho é a própria vida, a vida é um contínuo trabalho das forças químicas e mecânicas. Desde o primeiro átomo que se põe em movimento para se unir aos átomos vizinhos, o grande labutar criador não continua e cessou, e esta criação que continuará sempre, é com a própria tarefa da eternidade a obra universal á qual todos nós vimos trazer a nossa pedra. Não é o universo uma oficina imensa onde nunca se está em repouso, onde os infinitamente pequenos fazem cada dia um labor gigantesco, onde a matéria opéra, fabrica, produz sem descanso, desde os simples fermentos até ás mais perfeitas criaturas? Trabalham os campos que se cobrem de searas, trabalham as florestas no seu medrar lento, trabalham os rios murmurando ao longo dos vales, trabalham os mares rolando as suas ondas dum a outro continente, trabalham os mundos impelidos pelo ritmo da gravitação através do infinito.

Não há um ser, não há uma coisa que possa immobilisar-nos na ociosidade, tudo se acha arrastado, posto ao trabalho, forçado a fazer a sua parte da obra comum. Todo aquele que não trabalha desaparece por isso mesmo, é repellido como inútil e incomodativo, deve ceder o lugar ao trabalhador necessário, indispensável.

Tal a única lei da vida, que não é em suma se não a matéria em movimento, uma força em perpétua actividade, o Deus de todas as religiões, para a obra final da felicidade de que trazemos em nós a imperiosa necessidade. E que admirável regulador é o trabalho! que ordem éle traz, por toda a parte onde reina! E' a paz, é a alegria, como é a saúde.

E. Zola.

Pela instrução

Escolas Centrais

Dizia eu, no penúltimo número, deste jornal, que, para se resolver o problema do funcionamento das Escolas Centrais, era necessário conseguir outro edificio, para a escola central masculina. E' claro que, não sendo possível retirar, por qualquer forma, o hospital que está ocupando o seu edificio próprio, para outra parte, que resta fazer? Esperar que o tifo desapareça e que o hospital feche de vez? Quem nos garante que o tifo desapareça este ano e que não voltará ainda nos anos seguintes? E as escolas deverão conservar-se encerradas, durante o tempo que ninguém sabe determinar? Não! Isso nunca!

Seria um crime de lesa-instrução pública, donde resultariam males de que a sociedade vimaranense se havia forçosamente de ressentir. Não

tenhamos ilusões. O individualismo, o sentimento de pensarmos só em nós e não cuidarmos dos outros é um mal que nos pode trazer males irremediáveis.

Há muito quem se não importe que na casa dos outros haja a fome, desde que na sua haja a abundância; esquecendo-se de que quem vive no meio de esfomeados e não cuida de lhes matar a fome, arrisca-se a ver a sua casa assaltada e maltratada a sua família. Com a instrução dá-se precisamente o mesmo caso. De que serve a um pai de família tratar cuidadosamente da educação dos seus filhos, não se importando com a educação dos outros, se amanhã esses seus filhos teem de ingressar na sociedade, que, não sendo educada, os vai perverter? Daqui se conclui, pois, que nós, os que reconhecemos a necessidade da educação, não só devemos cuidar de educar os nossos filhos, mas também interessar-nos pela educação dos filhos daqueles que desconhecem esta necessidade.

Há pais que, pela sua ignorância e pelo trabalho que lhe absorve todos os momentos, não pensam sequer na educação dos seus filhos.

O Estado intervém, decretando o ensino obrigatório; mas o Estado, por si só, não pode levar a cabo a sua missão. Necessita de colaboradores assíduos, homens de bem, que sintam amor pela educação do povo e que compreendam que um beneficio que se presta á sociedade se reflecte indirectamente naquêle que o presta.

Os filhos das classes pobres são os que mais necessitam de educação e por isso as Escolas Centrais não podem conservar-se encerradas, seja éle porque motivo fór.

Se não é possível mudar o hospital para outra casa, por a não haver em condições — embora se diga por aí, á boca pequena, que a casa de Vila Pouca estava a matar para esse fim — há que procurar casa para as escolas. Mas have-la-á em condições? Parece que não. Então que há a fazer? Recorrer a salões separados.

E' esta a maneira mais viável de se resolver o assunto, salvo se não aparecer outra melhor.

Creio bem que não será difícil conseguir-se os salões necessários para este fim. Em abril último, quando o hospital se instalou, pela segunda vez, no edificio das escolas e que eu exercia o lugar de inspector interino do circulo, tive a certeza de os conseguir, não levando esse trabalho a final, por nessa altura do ano, ser possível leccionar os dois sexos, com desdobramento de serviço, no edificio da escola central feminina. Foi sempre atendido nos pedidos que fiz, para conseguir os referidos salões, á excepção da Direcção da Sociedade Martins Sarmento, que se recusou a ceder uma sala do rez do chão, alegando inutilidades. Contra este procedimento, lavro o meu protesto, pois não é assim que se engrandece uma Sociedade que se intitula de promotora da instrução no concelho de Guimarães. Se porventura havia razões plausíveis, pelas quais era impossível á Direcção acceder ao meu pedido, o que duvido, desse-me ela ao menos a consolação de me auxiliar, no conseguimento daquillo que desejava, noutra parte. Só assim se justificaria o honroso título que aquela Sociedade ostenta. Mas, assim, com tal procedimento, esse título deixa de ser um direito, para ser, simplesmente, um abuso.

Há pois viabilidade em resolver o caso do funcionamento das Escolas Centrais. Basta que ao lado das autoridades, que superintendem nos serviços da instrução, enfileirem os poucos, que nesta terra há, amigos da educação popular, para que as referidas escolas possam, no começo do próximo ano lectivo, funcionar com regularidade.

Assim o espera o

Prof. Almeida Guimarães.

Os frades

Como os frades forneceram sempre assunto para anedotas humorísticas, aí vai uma de origem hespanhola e que tem certo sabor:

A porta da igreja dum convento, dum lado pediam esmola umas senhoras para uma instituição caridosa — um asilo de enfeitados, e do outro uns frades pediam para reparos no convento. Dessa simultaneidade de pedidos resultava dizerem as senhoras:

—Para os meninos abandonados...

E acrescentavam do outro lado os frades:

—Obras da nossa santa casa...

Um valente... como eles são todos

Do nosso presado colega «O Comércio da Póvoa de Varzim» transcrevemos o seguinte:

«Escrevem-nos de Vizela:—Otem deu-se nestas pacatas terras uma scena de pugilato que, podendo ser lamentável, não passou de caricata...

Um valente oficial do exercito, capitão ou coisa parecida, atacou com audaz energia o sr. dr. António José de Almeida, presidente eleito da República, tentando feri-lo heroicamente na sua honra pessoal. Um civil levantou a luva e convidou-o, cortezmente, a desdizer-se. O valente oficial, animado certamente pela presença doutro camarada, sócio e colega, embriou-se e... nada.

O civil, saturado das embriuhadelas do garboso, despediu-lhe ao deslavado carão um murro civil, mas português, que o abanou a uma cadeira, de onde resvalou, ainda sob o mesmo impulso até ao chão onde parou. Levantou-se, passou a mão pela cara, e... quedou silencioso. Naturalmente sentiu a ausencia da sua fiel e mavortica espada. Tinha a entregado em tempos idos como aguerrido protesto anti intervencionista... depois a pobresinha envergara o hábito de carpideira, andando por esse mundo a derramar sentidas lagrimas pelo grande morto...

Nem todos são batoteiros; nem todos são brutos, e valentes á moda deste misero capitão esbofetado.»

Nós já sabiamos do caso passado no nosso concelho, mas não nos quizemos logo referir a éle, por carcermos de algumas informações. Assim, hoje, podemos constatar o facto, acrescentando que o indivíduo em questão é bem conhecido em Guimarães e Penafiel, pois pertenceu a infantaria n.º 20 e ao 32, casou e morou aqui na rua da República e chama-se... granizo.

LITTERATURA

Esperança de Amor

(Dedicado á Mademoiselle E. L.)

Carlos de Souza completara os vinte e três anos sem nunca ter amado. Para si a mulher era uma nulidade, uma sensaboria, um capricho dos homens... Achava razão Publio Siro, porque dissera que a mulher aprendeu a chorar para mais facilmente poder mentir; rira-se dum distinto poeta porque lhe chamara a mais bela flor do jardim da Natureza e decorara tudo quanto a respeito dela, Albino Forjaz de Sampaio escreveu nas «Palavras Cínicas» que tinha fútilmente lido e que um amigo lhe oferecera em honra do seu pessimismo...

Porém, na tarde dum perfumado dia ao mês da Virgem, o acaso fez com que os olhos de Carlos de Souza se fossem firmar na figura angelical duma formosíssima mulher que lhe fez palpitar violentamente o coração, ao mesmo tempo que uma ignota e vigorosa mão lhe impediu o seguimento de seus passos. E, como um louco, em plena rua, Carlos riu-se estridentemente daquela doidice, daquelle pulsar violento do coração, ao passo que com aquele impulso de homem forte, seguiu o seu destino... Caminhou pela rua além... mas nos seus levava a luz aurifulgente e radiante dos olhos dela, no cérebro bailava-lhe a sua figura airosa e subtil, e no peito, sempre pulsando com impeto como que sentia uma coisa a que não sabia dar o nome, para si desconhecida e que o fazia sofrer impiedosamente. Durante o resto desse dia Carlos passou indistintamente inúmeras vezes defronte da casa de Elisa — assim se chamava ella — a ver se a via na janela onde a vira a primeira vez. Durante a noite, Carlos de Souza, não pôde conciliar o sono. Uma ideia única o preocupava e fazia sofrer. Como que via Elisa — e murmurava este doce nome mil vezes seguidas — diante de si, imóvel, como uma visão celeste; como que sentia o pulsar cadenciado do seu coração e o hálito perfumado dos seus lábios... E perpassava-lhe na mente a formosura etérea e sublime dessa mulher. Julgava ver ainda as scintillações radiantes dos seus olhos negros, os sorrisos deliciosos dos seus carminados lábios, a bruma dos seus pequeninos dentes, o negrume dos seus cabelos, as suas faces, o seu porte, tudo enfim... Como o sono lhe fôsse nefêdo, recordou também a hora abençoada em que a vira, pela primeira vez, no peitoril da sua janela, descuidada, a cabeça apoiada sobre um dos braços, enquanto que o outro repousava abandonado. E ao vê-la agora assim, recordava-se do amor da época medieval, em que as princezas e donzelas vinham aos balcões dos palácios, o vir as declarações dos seus trovadores que, de cabelos ao vento, capas ao ombro, guitaras a uracolo, lhes entoavam lindas trovas d'amor.

Raiava já a aurora, esplendorosa e linda, quando Carlos de Souza pôde enfim dormir. Mas fôra leve e curto o seu sono e ocupado num sonho — sonho único e eterno: Elisa e o seu amor. Novamente, mas agora sem o uso da razão, a viu em sonho, sempre encantadora e pura, mas impassiva ao seu amor, indiferente á sua paixão, ingrata ao seu affecto, simples e ingénua como uma criança que foge aos carinhos e olhares duma pessoa desconhecida. E só este pensamento o atormentava, o fazia padecer acerbamente. Sabia em si um amor impetuoso e forte, no delírio já, como o de alguns heróis de lábios românicos que tinha lido. Nunca pensou que se pudesse amar assim! Escathecera do amor porque o julgava um mito; mas, agora,

estava bem certo que era verdade. E se Elisa o amasse como elle a amava intensa e loucamente?... E esta recordação era-lhe doce como mel do Hymeto e perfumado como o incenso de Hadramasut... Que felicidade, que ventura, que alegria se assim acontecesse!...

No decorrer do dia, Carlos não procurara os amigos, comêra pouco e andara triste. Uma única ideia o avassalava, ideia já de sempre: Elisa. Um pensamento constante o fazia sofrer: o seu amor. O resto, para si, era nada. Mil vezes passara á porta dessa mulher que adorava loucamente, e outras tantas parara, extático, tempo infinito, para vê-la e admirá-la como a uma santa, murmurando consigo próprio: «Foste tu a primeira mulher que me fizeste compreender e sentir o amor». E quando sentiu o coração pulsar com maior impetuosidade, disse a meia voz: — amo-a muito, muito... Se sei atendê-la?... Mas o som dessas palavras não podia chegar até aos ouvidos de Elisa, e mesmo esta tinha retirado, atendendo talvez ao chamamento dalguma voz interior. Só depois de completa essa trase é que Carlos de Souza reparara nessa falta. E ficara espedido a fitar a janela de Elisa, como outróra Garret contemplou a da «Joaninha dos lindos olhos verdes», das suas «Viagens»... O dia terminara.

Ja já a noite em mais de meio, reinando a paz e o sossego, somente interrompidos pelo perpassar da brisa, e ainda Carlos de Souza passou á porta dessa mulher que havia damar até á morte, porquanto silenciosamente — o que mais custa — cantando a meia voz seguidas quadras, feitas de amor e de anelos como se ella o escutasse. Como um louco ou como um ébrio, Carlos de Souza vagueou toda a noite, sem tino, pelas ruas da cidade, e quem o seguisse e o atendessem bem, conheceria que estava impaciente e como falava consigo mesmo. E na verdade assim era. Carlos monologava termos incoerentes e descoloxos. Dizia: — Mulheres!... Mulheres!... E eu rira-me delas... Fizera-as sem valor, — e chamara-lhes serpentes enganosas... Oh! mas ellas são a obra mais divina que existe, o encanto maior que há... E ao contrário de então, rira-se de Publio Siro, achava razão ao poeta e queimara as «Palavras Cínicas» de Forjaz de Sampaio que o amigo lhe tinha oferecido.

Assim decorreram dois meses, até que num dos primeiros dias do mês de Agosto — dia bem cruel que Carlos jamais esquecerá — Elisa se retirou da sua terra e foi mostrar á formosura do seu rosto não sei para onde. E Carlos nem sequer a pôde ver, nem sequer pôde declarar o seu amor... Que dor, que mágoa, que sofrimento! E definhava-se de dia para dia, ao passo que sentia o seu amor cada vez mais vivo, mais fundo e mais arreigado. Sósinho, encerrado num quarto de sua casa, ou numa estrada deserta, chorava copiosamente a sua infelicidade.

Muitas vezes lhe sugeriu a ideia de fugir — sem saber para onde — a ver se, em alguma parte, a poderia encontrar.

Quasi que um mês é passado do dia da partida de Elisa e Carlos de Souza — que loucura! — espera ainda!

M. A.

Guimarães — Setembro de 1919.

Fisiologia da mulher

A's filhas de Eva

Ora anjos, ora demónios; ora escravas, ora tiranas, ora adoradas nos altares, ora calcadas na lama; esperando que um dia se possam

chamar a perfeita metade do homem perfeito.

Na missa quando o sacerdote diz: *Domine, non sum dignus!* é este um dos quadros mais comoventes da religião. Eu pareço-me com aquelle sacerdote. Desejaria traçar a fisiologia da mulher, que eu amei e adorei, como mãe, como amante, como doce companheira da existência, como irmã, como filha. *Domine, non sum dignus.* A diferença está só em que o meu altar é o culto pela mulher, que é a minha religião, o meu *Domine*, minha mãe, minha esposa, minha filha.

Benjamin Barlé, padre, d'sse:

Para que perguntar-me o que seja a mulher, a mim cujo destino é ignorar o amor? A um cego de nascença iries torturar Perguntando-lhe o que é a luz, o dia, a cor!

Paulo Mantêgaça.

Um agradecimento infeliz

O snr. de Lima, bota agradecimento infeliz a três cavalheiros desta cidade, quando fazia melhor estar calado.

Nós não temos procuração para defender os citados cavalheiros, nem tampouco nos imiscuiriamos no assunto, se aquelle não viesse insinuar convicções políticas, de quem quer que seja, quando as suas são postas á prova e senão, vejamos: em 5 de Outubro de 1910, reconheceu, aderiu e tomou o compromisso de defender a República Portuguesa! Em Abril de 1911, inscreveu-se sócio do Centro Republicano de Guimarães, sendo proponente o capitão snr. António Augusto Ferreira, então aqui no 20, assinando a proposta com todas as suas letras!

Como é que, no mesmo ano, nos aparece já de outra fôrma, atraçoando a República, que, pela sua honra, se comprometeu defender?! Mas na *pimentada* e portanto, na República, voltou a assumir o seu posto, sendo então, depois de 20 de Maio de 1915, separado com 27 escudos mensais. Depois é que, reintegrado, pediu licença illimitada, se é que a memória nos não atraiçoa.

Saúde Pública

Chamamos a atenção de quem compete para um perigoso foco de infecção que existe na Travessa de Donaes, onde se empilham ás dezenas coiros verdes, que pelo seu estado de podridão estão cobertos de vermes enormes, exalando um fétido insupportável.

Achamos bastante termos de nos bater com a variola e o tifo e, portanto, inadmissível que se consinta, em pleno coração da cidade, mais um agente propagador de novas epidemias.

A's dignas autoridades policiaes e sanitárias recomendamos o assento, cuja resolução é de urgente e absoluta necessidade, pois que se trata da saúde pública, confiados que não será inútil o nosso apêlo.

Délivrance

A esposa do nosso amigo e correligionário, snr. António Francisco Ferreira de Castro, deu á luz uma criança do sexo feminino, a qual recebeu o nome de Maria Elvira Gonçalves de Castro.

Foram padrinhos o sr. Abel de Oliveira Bastos e sua ex.^{ma} esposa.

As nossas felicitações.

Pelo Exército

Por uma circular do Ministério da Guerra, que já transcrevemos, de 28 de Julho passado, nenhum cidadão dos 16 aos 45 anos, se pode ausentar para o estrangeiro, sem que presente a caução exigida de 150 escudos.

Sucede, porém, que os *engajados*, nos requerimentos que fazem, pedem ao Ministério da Guerra licença por 60 dias, como se fossem viajantes os interessados, evitando assim a caução, mas ficando os emigrantes, findo aquelle prazo, sujeitos a ser-lhes caçada a licença e considerados desertores.

Chamamos a atenção das autoridades sobre o assunto e recomendamos todo o cuidado aos srs. fiadores.

Foi demittido do Exército, o sargento-ajudante de Infantaria n.º 20, sr. José de Sousa Amarante, por se haver imiscuido em assuntos políticos de há meses.

Foi suspenso, nos termos do artigo 6.º do Decreto n.º 5.368 de 8 de Abril do corrente ano, o major de Infantaria n.º 20, sr. Francisco Martins Ferreira.

Para Lisboa, partiu, há dias, um contingente de soldados de Infantaria n.º 20, tendo regressado um outro que lá estava.

Foram colocados em Infantaria n.º 20, pela ultima Ordem do Exército, os srs. tenentes António Gnerreiro, regressado há meses do Ultramar, José Joaquim Machado Guimarães Júnior, médico miliciano, que foi prisioneiro dos alemães, e o alferes sr. Carlos Alberto Afonso, que foi de Infantaria n.º 30.

Em gozo de licença, encontram-se os srs. tenente-coronel Alcino da Costa Machado e capitão Duarte Ferreira de Gusmão de Sousa Fraga.

Bolsas de Trabalho

As Associações de Classe desta cidade, devem reunir, a fim de eleger dois delegados seus junto da comissão directora das Bolsas de Trabalho, visto ter sido autorisada a criação neste concelho da respectiva Bolsa Social do Trabalho.

Torcato Magalhães

Encontra-se nas suas propriedades do concelho de Famalicão, o nosso amigo e correligionário, sr. Torcato Coelho da Fonseca Magalhães.

Veraneando

Para a Póvoa de Varzim, acompanhado de sua esposa, partiu o nosso redactor principal sr. Joaquim de Almeida Guimarães.

Também para a mesma praia tem retirado, neste principio de Setembro, muitas famílias vimaranenses.

Matos Júnior

Foi colocado nesta cidade, transferido de Ponte da Barca, o nosso amigo e correligionário, sr. Manuel Luís de Matos Júnior, empregado da fiscalisação dos impostos, e filho do também nosso amigo e correligionário sr. Manuel Luís de Matos, industrial.

Os nossos parabens.

Teixeira de Abreu

Tendo regressado de Caldelas, encontra-se doente o nosso amigo sr. José Pinto Teixeira de Abreu, negociante desta praça.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Obituário

No dia 28 de Agosto, faleceu na rua Trindade Coelho, desta cidade, a sr.^a Ana Ribeiro de Assis, de 18 anos, filha do nosso amigo sr. José Torcato Ribeiro, industrial de cortumes.

Também ao nosso amigo sr. José Redondo, sargento-músico de infantaria 20, acabam de fallecer duas crianças no espaço de 4 dias!

Igualmente faleceu no dia 1, o sr. Francisco António Alves Mendes, de 51 anos, farmacêutico, do Largo Prior do Crato, desta cidade.

Era casado com a sr.^a D. Amélia Rosa de Oliveira Alves Mendes.

A's famílias enlutadas os nossos pezames.

Expediente

Tendo a segunda fase de «A Velha Guarda», completado 6 meses de existência, vamos proceder á cobrança do 1.º semestre.

Aos nossos presados assistentes da cidade ser-lhes ha apresentado o recibo pelo cobrador, dignando-se honrar-nos com o seu bom acolhimento.

Aos do concelho e de fóra nos vimos pedir-lhes a fineza de nos enviarem a importância do 1.º semestre, evitando nos despesas com a cobrança pelo correio.

Declaração

Declaro que abandono a filiação partidária que até hoje tinha, continuando a ser republicano, mas independente de qualquer facção politica.

Francisco Felix Guimarães.

GUILHERME DE SOUSA

Cavador e Gravador

Especialidade em pedras finas

Rua da Liberdade, 151 — Guimarães

Casa

Vende-se uma, com o n.º 27, tendo quintal, na rua 5 de Outubro, desta cidade. Falar nesta Redacção.